

Índice

<i>Poem</i>	10
Poema	11
<i>The Denial of Death</i>	14
A Negação da Morte	15
<i>Winter Recipes from the Collective</i>	24
Receitas de Inverno da Comunidade	25
<i>Winter Journey</i>	32
Viagem de Inverno	33
<i>Night Thoughts</i>	38
Pensamentos Nocturnos	39
<i>An Endless Story</i>	40
Uma História Interminável	41
<i>Presidents' Day</i>	46
Dia do Presidente	47
<i>Autumn</i>	48
Outono	49
<i>Second Wind</i>	52
Segundo Fôlego	53
<i>The Setting Sun</i>	54
O Sol-Poente	55
<i>A Sentence</i>	64
Uma Frase	65
<i>A Children's Story</i>	66
Uma História para Crianças	67

<i>A Memory</i>	68
Uma Memória	69
<i>Afternoons and Early Evenings</i>	70
Tardes e Crepúsculos	71
<i>Song</i>	72
Canção	73
<i>Acknowledgments</i>	76
Agradecimentos	77

POEM

Day and night come
hand in hand like a boy and a girl
pausing only to eat wild berries out of a dish
painted with pictures of birds.

They climb the high ice-covered mountain,
then they fly away. But you and I
don't do such things—

We climb the same mountain;
I say a prayer for the wind to lift us
but it does no good;
you hide your head so as not
to see the end—

Downward and downward and downward and downward
is where the wind is taking us;

I try to comfort you
but words are not the answer;
I sing to you as mother sang to me—

Your eyes are closed. We pass
the boy and girl we saw at the beginning;
now they are standing on a wooden bridge;
I can see their house behind them;

How fast you go they call to us,
but no, the wind is in our ears,
that is what we hear—

And then we are simply falling—

POEMA

O dia e a noite chegam
de mão dada como um rapaz e uma rapariga
detendo-se apenas para comer frutos silvestres num prato
decorado com imagens de pássaros.

Sobem a alta montanha coberta de gelo,
depois voam para longe. Mas tu e eu
não fazemos coisas dessas...

Subimos a mesma montanha;
digo uma oração para que o vento nos erga
mas não serve de nada;
escondes a cabeça para não
ver o fim...

Para baixo e para baixo e para baixo e para baixo
é aonde o vento nos leva;

tento consolar-te
mas as palavras não resultam;
canto-te como a mãe me cantava...

Tens os olhos fechados. Ultrapassamos
o rapaz e a rapariga que vimos no início;
estão agora parados numa ponte de madeira;
vejo a sua casa atrás deles.

Vão muito depressa, gritam-nos,
mas não, temos o vento nos ouvidos,
é isso que escutamos...

E depois caímos apenas...

And the world goes by,
all the worlds, each more beautiful than the last;

I touch your cheek to protect you—

E o mundo vai passando,
todos os mundos, cada um mais belo do que o anterior;

toco na tua face para te proteger...

THE DENIAL OF DEATH

1. A TRAVEL DIARY

I had left my passport at an inn we stayed at for a night or so whose name I couldn't remember. This is how it began.

The next hotel would not receive me,
a beautiful hotel, in an orange grove, with a view of the sea.
How casually you accepted
the room that would have been ours,
and, later, how merrily you stood on the balcony,
pelting me with foil-wrapped chocolates. The next day
you resumed the journey we would have taken together.

The concierge procured an old blanket for me.
By day, I sat outside the kitchen. By night, I spread my blanket
among the orange trees. Every day the same, except for the
weather.

After a time, the staff took pity on me.
The busboy would bring me food from the evening meal,
the odd potato or bit of lamb. Sometimes a postcard arrived.
On the front, glossy landmarks and works of art.
Once, a mountain covered in snow. After a month or so,
there was a postscript: *X sends regards*.

I say a month, but really I had no idea of time.
The busboy disappeared. There was a new busboy, then one
more, I believe.
From time to time, one would join me on my blanket.

A NEGAÇÃO DA MORTE

1. UM DIÁRIO DE VIAGEM

Deixei o passaporte numa estalagem onde estivemos uma ou duas noites e cujo nome não conseguia recordar. Foi assim que começou. O hotel seguinte não me quis aceitar, um belo hotel, num laranjal, com vista para o mar. Ocupaste, tão displicente, o quarto que devia ter sido nosso, e, mais tarde, ficaste tão satisfeito na varanda, a atirar-me bombons embrulhados. No dia seguinte retomaste a viagem que teríamos feito juntos.

O porteiro arranjou-me um cobertor velho. De dia, sentava-me à entrada da cozinha. De noite, estendia o cobertor entre as laranjeiras. Todos os dias iguais, excepto o clima.

Passado algum tempo, o pessoal teve pena de mim. O empregado de mesa trazia-me comida do jantar, uma ou outra batata, um pedaço de carneiro. Por vezes chegava um postal.

Na frente, lustrosas atracções turísticas e obras de arte. Num deles, uma montanha coberta de neve. Cerca de um mês depois, um *post scriptum*: *X manda cumprimentos*.

Digo um mês, mas na verdade não tinha noção do tempo. O empregado de mesa desapareceu. Veio um novo empregado, e ainda outro, creio. De quando em quando, um deles juntava-se a mim no cobertor.